

A IMPORTÂNCIA DO CONTO DE FADA NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DA CRIANÇA

Autores: TATIELLY RODRIGUES SOARES, SHIRLEY PATRÍCIA NOGUEIRA DE CASTRO E ALMEIDA, LEONICE VIEIRA DE JESUS PAIXÃO

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende fazer um estudo a respeito da importância dos contos de fadas no Ensino Fundamental I, verificando a contribuição dos mesmos no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança.

Desde o início da humanidade as histórias são contadas e elas iam “passeando” entre as culturas. As histórias existiam antes mesmo da existência do papel, então as pessoas utilizavam de outros instrumentos para guardar essas histórias, utilizavam as paredes das cavernas, pedras, dentre outros locais...

Mesmo que estejamos rodeados de novas tecnologias, as histórias ainda nos fascinam e tem um papel muito importante.

BETTELHEIM (1980, p. 14), destaca a influência dos contos de fada na formação da personalidade humana

aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fada transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que as histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego.

Corroborando com este estudo, Tratar (2004, p.10), na introdução da sua coletânea de contos de fadas comentadas, destaca

no curso das últimas décadas, os psicólogos infantis recorreram a contos de fadas como poderosos veículos terapêuticos para ajudar crianças e adultos a resolver seus problemas meditando sobre os dramas nele encenados. Cada texto se torna um instrumento facilitador, permitindo aos leitores enfrentar seus medos e desembaraçar-se de sentimentos hostis e desejos danosos. Ingressando no mundo da fantasia e da imaginação, crianças e adultos garantem para si um espaço seguro em que os medos podem ser confrontados, dominados e banidos. Além disso, a verdadeira magia do conto de fadas reside em sua capacidade de extrair prazer da dor. Dando vida às figuras sombrias de nossa imaginação com bichos-papões, bruxas, canibais, ogros e gigantes, os contos de fadas podem fazer aflorar o medo, mas no fim sempre proporcionam o prazer de vê-lo vencido.

O PSICOLÓGICO INFANTIL E OS CONTOS DE FADAS

Como acontece a interferência significativa que o conto realiza na mente da criança e até do adolescente? Primeiramente observe o início do conto: “Era uma vez...” essa proposição começa colocando a criança em um tempo indeterminado, deixando de lado qualquer possibilidade daquela história se quer, ter acontecido. Dessa maneira, a criança livra-se da realidade, abrindo espaço para sua imaginação. “Imaginando, ela pode brincar com temas próprios de sua realidade psíquica, por vezes difícil, como o amor, a morte, o medo, a rivalidade, a separação, e o abandono”. (GUTFREIND, 2004, p. 25).

A metáfora também ajuda a criança a distinguir o conto da realidade. Ela suaviza a identificação da criança com o personagem que retrata os conflitos que a agoniza no momento, sem ameaçar a criança. Ela irá trabalhar seus conflitos de forma indireta, utilizando dos personagens e do enredo do conto. E é através do brincar da criança que se torna viável a psicoterapia infantil. Através de sua técnica baseada no jogo, Klein apud Aberastury (1982, p. 48), enfatiza que



que a criança, ao brincar, vence realidades dolorosas e domina medos instintivos, projetando-os ao exterior nos brinquedos. Este mecanismo é possível, porque muito cedo tem a capacidade de simbolizar. [...] O brinquedo permite à criança vencer o medo aos objetos, assim como vencer o medo aos perigos internos; faz possível uma prova do mundo real, sendo por isso uma ‘ponte entre a fantasia e a realidade’.

GUTFREIND (2004, p.28) fala sobre o conto, como uma obra aberta e fonte de prazer, relacionando-o com o brincar ainda de uma outra forma: “[...] a fonte importante de seu potencial terapêutico parece vir de sua dimensão lúdica. Conto também é brinquedo. Diversão pura e simples, perda de tempo, descanso da realidade e de todos esses aspectos fundamentais para que a criança consiga se desenvolver e elaborar-se.”

A despeito de outros tipos de narrativas, os contos de fadas possuem características que facilitam às crianças identificarem os seus conflitos. A maioria dos contos não possuem nomes de personagens e se possuem, são muitos genéricos, como João e Maria, facilitando a projeção.

Trabalham de forma categórica os conflitos existentes, bastante pesados, como morte e a separação. “As histórias fora de perigo não mencionam nem a morte nem o envelhecimento, os limites de nossa existência, nem o desejo pela vida eterna. O conto de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com os predicamentos humanos básicos.” (BETTELHEIM, 1980, p. 15).

Ainda tratando dos conteúdos trazidos pelos contos de fadas, BETTELHEIM (1980, p.19) coloca que

esta é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.

Uma característica em relação à criança com o conto de fadas, é a necessidade de manter intacta a maneira de contar uma história. Quando uma criança ouve novamente uma história, ela acaba corrigindo o adulto, quando este muda a voz, a entonação de algum personagem ou qualquer outro detalhe da história. A criança necessita da repetição. Para GUTFREIND (2004, p.27), “Uma hipótese é que a estrutura narrativa – incluindo as palavras –, identificada como representativa daquela história, é a garantia de uma solução para o problema apresentado. Qualquer mudança poderia representar, então, uma séria ameaça.”

BETTELHEIM (1980, p. 27) diz que a criança absorve significados diferentes de uma mesma história, conforme o momento e os conflitos em que passa. Segundo o autor, o adulto não deve explicar para a criança o porquê está maravilhada com determinado conto, pois além de tirar o encanto da história,

as interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido ou resolvido problemas pessoais por nossa própria conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros.

O conto ajuda a criança a pensar, verbalizar, através da habilidade de contar, de contar- se e perguntar. GUTFREIND (2004, p.29) fala sobre esta característica do conto, indicando- o como importante instrumento na clínica, servindo de intermediário que irá substituir a agitação da criança por perguntas, pensamentos e reflexões (junto ao sentimento).

A IMPORTÂNCIA DO CONTAR

O conto é essencial para desenvolver o pensamento criativo da criança, proporcionando o encontro, pois conforme a criança vai interagindo, ouvindo, olhando e tocando ela vai construindo sua própria imagem.

RADINO (2001, p. 16), em seu artigo Oralidade, um estado de escritura, defende a necessidade de que os contos de fadas sejam contados, e não apenas lidos em livros. Ela analisa o uso dos contos de fadas na educação infantil, fazendo uma crítica ao Referencial Curricular para Educação Infantil (RCN) que, através de uma concepção preconceituosa da criança, prefere trabalhar no nível concreto da criança, e não no nível da fantasia. Ela ainda coloca: E as fadas? Parece que foram banidas do RCN. Os contos de fadas aparecem uma única vez, no final de uma série de sugestões, e entre parênteses. A ênfase é dada à leitura de textos curtos e realistas, como notícias, parlendas, bilhetes, embalagens, e não à literatura infantil. O aspecto lúdico aparece em um plano inferior, em detrimento de uma aquisição



Segundo SILVA (2013, p. 24), os contos de fadas atualizam ou reinterpretam questões universais como conflitos de poder e a formação de valores, numa combinação entre realidade e fantasia promovendo o desenvolvimento da personalidade.

TATAR (2004, p.12) também comenta sobre a importância que contar um conto de fadas para facilitar o relacionamento de crianças e adultos: Por meio de histórias, adultos podem conversar com crianças sobre o que é importante em suas vidas, sobre questões que vão do medo do abandono e da morte a fantasias de vingança e triunfos que levam a finais “felizes para sempre”. Enquanto olham figuras, lêem episódios e viram páginas, adultos e crianças podem estabelecer o que a crítica cultural Ellen Handler-Spitz chama “leitura interativa”, diálogos que ponderam os efeitos da história e oferecem orientação para o pensamento sobre assuntos similares do mundo real. Esse tipo de leitura pode assumir muitas feições diferentes: séria, brincalhona, meditativa, didática, empática ou intelectual.

BETTELHEIM (1980, p.21) também defende que os pais contem histórias para seus filhos. Para ele, quando a criança lê sozinha a história, ela pensa que só quem a escreveu pode compreendê-la, “mas quando os pais contam-lhe a estória, a criança fica segura de que eles aprovam a retaliação feita em fantasia à ameaça que o domínio adulto implica.”

CONCLUSÃO

A literatura infantil tem mudado muito ao longo dos anos quando procura mudar os enredos das histórias, subestimando a capacidade de compreensão das crianças e tentando ocultar temas “obscuros”, que não devem ocupar a mente dos pequenos. Porém, a partir de Freud, não se pode mais negar os conflitos que a psique infantil tem que enfrentar. O conto de fadas, assim como a brincadeira, é uma poderosa válvula de escape para que a criança possa enfrentar as dificuldades que ela nem sabe nomear.

Por ser uma ferramenta simbólica para a criança, o conto pode também ser usado com instrumento para o desenvolvimento da linguagem, da criatividade e das emoções .

Mas talvez o grande mérito de um livro de conto de fadas é a possibilidade que ele fornece para os pais interagirem com seus filhos. De um presente, ele pode virar um ritual de boa noite, ou uma conversa no café da manhã. O ato de contar histórias é uma prática que se adotada, não beneficiaria somente a criança, mas também o adulto, que poderá resgatar a sua infância, que provavelmente também foi permeada por histórias reais e de fadas.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. **Psicanálise da Criança**: Teoria e Técnica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- BENJAMIN, Walter. **Livros Infantis Antigos e Esquecidos in Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo : Brasiliense, 1985. Obras escolhidas, vol 1.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 3ª. edição, 1980.
- GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre : L&PM, 2000.
- GUTFREIND, Celso. **Contos e desenvolvimento psíquico**. Revista Viver Mente & Cérebro. Ano XIII, n. 142, nov 2004.
- RADINO, Gloria. **Oralidade, um estado de escritura**. Psicol. estud. [online]. jul./dez. 2001, vol.6, no.2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-> Acesso em agosto de 2017.
- TATAR, Maria. **Contos de Fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro.

11^o FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

UNIVERSIDADE, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

ISSN: 1806-549X

Realização:



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO
E INOVAÇÃO SUPERIOR



Apoio:

